



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, antes da partida para Campo Grande, MS  
Brasília-DF, 08 de maio de 2009**

**Presidente:** Primeiro, [quero] dizer para vocês da alegria de receber o presidente Lugo aqui no Brasil. Todos vocês sabem da preferência do Brasil em fortalecer a nossa relação com os países do Mercosul e, dentro do Mercosul, ajudarmos os países com maior carência econômica. O Paraguai é um parceiro histórico do Brasil e o presidente Lugo se apresenta como uma esperança renovada ao povo do Paraguai. Vocês, que acompanham a política da América do Sul, acompanham as mudanças ... - eu não tenho a voz tão forte como o Lugo... - mas, de qualquer forma, todos vocês que acompanham a política da América do Sul estão percebendo os avanços extraordinários que têm acontecido na política da América do Sul. Todos vocês têm acompanhado a evolução dos acordos que têm acontecido com os países da América do Sul, seja nas conversações bilaterais, seja nas reuniões do próprio Bloco, e agora estendidos mais para toda a América do Sul.

Nós, ontem, tivemos uma boa reunião, eu acho que uma reunião produtiva. Embora não tenhamos assinado nenhum acordo, a reunião foi produtiva porque detectamos pontos em que nós temos que avançar. O Brasil disse ao Paraguai que nós temos interesse em avançar em todas as áreas. Nós temos muitas coisas para fazer com o Paraguai, desde ajudar a encontrar soluções para resolver o problema agrário no Paraguai - com os brasiguaios, que já são quase 400 mil no Paraguai -, até a gente discutir obras de infraestrutura que, já há algum tempo, temos discutido com o Paraguai. Também discutimos o tema de Itaipu, porque não existe tabu nas nossas conversações. Itaipu é um tema sensível para o Paraguai, é um tema sensível para o Brasil, mas é por isso que existem os governantes para discutirem



também os temas sensíveis.

Nós estamos de acordo que a direção de Itaipu seja paritária, estamos de acordo que é preciso a gente concluir obras importantes que têm que ser feitas em Itaipu porque são obras complementares, mas temos acordos de construção de pontes entre o Brasil e Itaipu, seja a segunda ponte em Foz do Iguaçu, Ciudad del Leste, seja em Porto Murtinho, uma ponte com uma cidade paraguaia. Estamos dispostos a fazer investimentos para que indústrias brasileiras se coloquem a produzir algumas coisas no Paraguai. Porque é da filosofia do nosso governo garantir que os países que têm fronteira com o Brasil tenham possibilidade de ter o mesmo desenvolvimento que tem o Brasil. Nós não queremos ser uma ilha de prosperidade no continente, cercada por países com dificuldades.

Nós sabemos que a tranquilidade que nós poderemos criar é a gente ter a sensibilidade de que temos que firmar mais acordos e cada vez mais financiamentos para que a economia possa se desenvolver. Obrigado a quem desligou o aparelho aí.

Bem, nós vamos ter uma reunião do Mercosul no começo de junho, e eu marquei com o companheiro Lugo que nós nos reuniríamos antes da reunião do Mercosul para que a gente possa firmar uma série de acordos que não foi possível serem firmados ontem, porque independentemente de a gente continuar discutindo o tema mais sensível na relação Brasil-Paraguai, que é Itaipu, nós temos outras dezenas ou centenas de acordos que nós poderemos ir firmando e fazendo com que a nossa relação evolua cada dia mais.

Eu agora vou com o companheiro Lugo ao Mato Grosso do Sul. Nós temos um compromisso lá, vamos fazer uma viagem na rodovia do Pantanal. Vamos continuar conversando, e eu penso que quando chegar em junho a gente pode ter evoluído para alguma coisa muito mais produtiva na relação Brasil-Paraguai.

De forma que eu agradeço a presença do companheiro Lugo. E [quero]



dizer ao povo paraguaio, sobretudo, que da parte do Brasil nós iremos fazer o esforço que seja necessário para que as nossas relações sejam cada vez mais produtivas, cada vez mais harmoniosas. Dito isso, colocamo-nos à disposição de vocês. Agora, realmente, eu queria dizer para a assessoria que ela montou muito longe isso aqui. Isso aqui poderia ter sido montado um pouco mais perto da imprensa. Nem nós mordemos, nem eles mordem, então, portanto, poderia ter tido uma proximidade maior.

**Jornalista:** Bom dia, Presidente. Eu gostaria de saber se o senhor acha que é possível uma (incompreensível) proposta nesse sentido? (incompreensível)

**Presidente:** Primeiro, nós não entramos em detalhe tanto quanto você, na sua pergunta. Por quê? Porque como nós concluimos que não era possível a gente assinar os acordos antes, esse tema vai ser discutido nos próximos 45 dias pelos ministros das Relações Exteriores do Paraguai e do Brasil, pelos ministros da Economia, pelos ministros de Minas e Energia. Depois, então, nós iremos discutir esse tema na reunião que faremos no Paraguai, no próximo mês. Eu estou convencido de que nós poderemos avançar. Estou convencido, há possibilidade de avançar, sempre sabendo que é um tema nervoso, é um tema muito sensível para o Paraguai e um tema muito sensível para o Brasil. Mas é exatamente por ser sensível que ele está colocado na mesa. Eu disse ao presidente Lugo, e tenho consciência de que ele concorda, que não existe tema que não possa ser discutido. Pode ser tema mais difícil, tema mais fácil, mas os temas têm que estar na mesa, até porque nós queremos que a nossa relação seja mais do que uma relação entre chefes de dois Estados, seja uma relação de confiança entre o povo brasileiro e o povo paraguaio.

**Jornalista:** Por que não foi possível concluir a assinatura de atos que estava prevista? Quem foi obstáculo?



**Presidente:** Nós entendemos... nós tínhamos uma proposta de acordo já muito bem trabalhada, mas o presidente Lugo entendeu que era preciso aperfeiçoar algumas coisas e colocar mais coisas. Portanto, ele preferiu que nós deixássemos para discutir as assinaturas no Paraguai. Para nós não tem nenhum problema deixar para assinar o que não foi assinado aqui, no Paraguai, daqui a alguns dias.

**Jornalista:** Estão confirmados os quatro primeiros casos de gripe suína no Brasil. Eu queria saber se o senhor acredita que, primeiro, se o Brasil está preparado para lidar com essa novidade e, segundo, se tem risco de impacto na economia do país, no meio dessa crise?

**Presidente:** Eu conversei ontem à noite e conversei agora com o ministro Temporão. Ele já comunicou, ontem, em uma entrevista, que foram detectados quatro casos, com gripe, comprovados no Brasil: dois em São Paulo, um em Belo Horizonte e um no Rio de Janeiro. Os dois de São Paulo já estão totalmente curados, o de Belo Horizonte já está totalmente curado, e o do Rio de Janeiro também já está curado, mas vai ficar internado porque entre o começo dos sintomas e a cura há um espaço de dez dias para que se saia do hospital totalmente seguro. O que o Ministro me disse é que nesses quatro casos não houve nenhuma transferência de vírus, o que é uma coisa extremamente exitosa. Segundo, tem mais 15 casos em observação, e o governo brasileiro continuará nos aeroportos cumprindo todas as determinações e orientações da Organização Mundial da Saúde. O que me disse o ministro Temporão hoje, depois de uma entrevista que estava dando no Rio de Janeiro, é que a situação está tranquila e que nós vamos continuar com a vigilância, que deu certo, nos aeroportos brasileiros.



**Jornalista:** O senhor sabe se pode ter algum impacto na...

**Presidente:** Não acredito. A questão econômica, o que nós temos sentido, não só pela imprensa, mas pelas conversas que temos tido, pelas reuniões do Banco Central, do Ministro da Fazenda com os bancos centrais de outros países, é que nós estamos em uma situação, em maio, muito melhor do que aquela que estávamos em março, ou em fevereiro, ou em janeiro. Há sinais de recuperação na economia norteamericana. E eu nem sou tão otimista com a recuperação, eu quero é que seja uma estagnação, ou seja, que não aumente a crise, que ela pare onde está. Eu acho que a medida em que os Estados Unidos e a Europa comecem a dar sinais de recuperação, essa recuperação vai se espalhar pelo mundo inteiro porque tem muitos países que dependem dessa relação.

Vocês, brasileiros, sabem que desde março há sinais importantes de recuperação na economia brasileira, em vários setores da economia. Nós fizemos todas as medidas que tínhamos que fazer para garantir que aumentasse a produção nos setores mais sensíveis, na construção civil, na agricultura, na linha branca e nos automóveis. Eu acho que isso está colocando as coisas em ordem. E o que é mais importante é que o crédito comece a voltar a normalizar no mundo. O grande problema dessa crise é que depois da quebra do Lehman Brothers o crédito desapareceu do mercado internacional e, conseqüentemente, do mundo inteiro. No caso do Brasil, vocês sabem, nós tínhamos 30% do nosso crédito internacionalizado, e na medida em que termina esse crédito as pessoas se voltam para dentro, e aí tem mais gente querendo dinheiro, com a mesma quantidade de dinheiro para emprestar. Os bancos ficaram mais seletivos, portanto, começaram a selecionar melhor para quem emprestar, e esse foi um problema sério que nós detectamos no mês de janeiro. Tomamos as medidas para a construção civil, anunciamos o programa de 1 milhão de casas, as obras do PAC estão andando em um ritmo muito



bom, e eu acho que agora nós vamos ter uma melhoria nesse segundo semestre, no terceiro trimestre, no quarto trimestre e eu acho que em 2010 nós poderemos estar em uma normalidade econômica no Brasil e no mundo. Vamos embarcar.

**Jornalista:** Presidente, é só mais umazinha. Por favor, é importante, sobre poupança. O Banco Central divulgou dados ontem, mostrando que houve uma retirada maior da poupança. Gostaria de saber se o senhor atribui esse saque a essa indefinição do governo, e se vai ser uma decisão política ou técnica, porque o governo vai ter que mexer na questão dos rendimentos mas, politicamente, isso pode trazer algum desconforto. Então eu gostaria de saber quando, e se essa retirada o senhor atribuiria a isso.

**Presidente:** Primeiro, eu não posso te dizer quando. Segundo, que é uma questão que tem que ser discutida entre o Banco Central e o Ministério da Fazenda. Eles não contaram para mim o que contaram para você, ou seja, eu estou recebendo informações, em primeira mão, por você. Por enquanto não há nenhuma solução, nenhuma decisão do governo. Eu acho que quando o governo tomou a atitude de fazer o incentivo à venda de geladeira, fogão, máquina de lavar roupa, tudo, eu acho que isso pode ter influenciado na retirada do dinheiro da poupança. Agora, se o Banco Central e o Ministério da Fazenda chegarem à conclusão de que tem que fazer alguma mudança, você pode ficar certa de que os primeiros a saber serão os poupadores brasileiros. O que eu posso te garantir, sem saber o que está pensando o Banco Central e o Ministério da Fazenda, é que as pessoas que têm poupança não terão prejuízos, não sofrerão nenhuma mudança que possa prejudicá-las. É o que eu posso te garantir, sem saber qual é a proposta.

**Jornalista:** Até que valor, Presidente?



**Presidente:** Veja, aqui não existe grande poupador. Os poupadores, normalmente, são pequenos. Os grandes são investidores.

**Jornalista:** A partir de quanto é grande?

**Presidente:** Não, não... essa discussão não está colocada, minha querida. O que eu acho é que é irresponsabilidade ficar discutindo um assunto pelos meios de comunicação, quando é um assunto que tem que ser discutido pela área econômica e pelo Banco Central, no momento em que entenderem que devam discutir e comunicar ao Presidente, e comunicar à nação. Sem estresse, sem traumas.

(\$31EGJLP)